

NÃO  
CHOYE,  
NÃO

 Planeta

MARY  
KUBICA

*Tradução*  
Fal Azevedo

 Planeta

**DOMINGO**



Planeta



## QUINN

Em retrospecto, eu deveria ter adivinhado logo que algo não estava certo. O estrondo no meio da noite, a janela aberta, a cama vazia. Mais tarde, culpei uma porção de coisas por minha indiferença, desde uma dor de cabeça, passando pela fadiga até a estupidez galopante.

Mas ainda assim.

Eu deveria saber no mesmo instante que algo não estava certo.

É o despertador que me acorda. O despertador de Esther, urrando a duas portas de distância.

— Desligue isso — resmungo, cobrindo a cabeça com o travesseiro. Rolo de bruços e me enterro sob um segundo travesseiro para abafar o som, jogando as cobertas sobre a minha cabeça também.

Não adianta. Ainda ouço o barulho.

— Droga, Esther — rosno enquanto chuto as cobertas para a beira da cama e me levanto. Ao meu lado, grunhidos de reclamação, mãos buscando o cobertor às cegas, um suspiro irritado. O gosto de bebida da noite passada se arrasta dentro de mim, coisas como cranberry smash, bourbon sour e Tokyo iced tea. A sala roda à minha volta como um bambolê e tenho a súbita lembrança de girar em torno de uma pista de dança imunda com um cara chamado Aaron ou Darren, ou Landon ou Brandon. O mesmo cara que pediu para dividir um táxi comigo de volta para casa,

aquele que ainda está deitado na minha cama quando eu o sacudo e digo que ele precisa ir embora, arrancando o cobertor de suas mãos.

— Minha colega de apartamento está acordada — digo, cutucando-o nas costas. — Você precisa ir.

— Você divide o apartamento? — pergunta ele sentando-se na cama, ainda zozzo de sono. Ele esfrega os olhos, e quando um feixe de luz da rua atravessa a janela, seguindo até o outro lado da cama bagunçada, eu me dou conta: o cara tem o dobro da minha idade. O cabelo que parecia castanho na tênue iluminação do bar – e sob a influência de uma saudável quantidade de álcool – agora é prateado. As covinhas no rosto dele não são covinhas de jeito nenhum, são linhas de expressão. Rugas.

— Merda, Esther — murmuro mais uma vez, sabendo de antemão que a velha senhora Budny, do andar de baixo, vai bater no teto com o cabo do esfregão para silenciar a barulheira.

— Você precisa ir — repito, e ele afinal se vai.

Sigo a trilha do barulho até o quarto de Esther. O despertador, um zumbido interminável, como a canção de uma cigarra. Praguejo ao entrar, arrastando uma das mãos pela parede enquanto percorro o cômodo escuro. O sol não nascerá por mais uma hora. Ainda não são nem seis horas. O alarme de Esther grita para chamá-la, como acontece todos os domingos de manhã. Tempo para se preparar para a igreja. Esther, com sua voz aguda e gentil, canta todos os domingos no coro da igreja católica em Catalpa desde que consigo me lembrar. Santa Esther é como eu a chamo.

Quando entro no quarto de Esther, a primeira coisa que noto é o frio. Uma corrente do ar gelado de novembro invade o cômodo pela janela. As folhas de uma pilha de papel sobre a escrivaninha de Esther – mantidas no lugar por um livro grosso: *Introdução à terapia ocupacional* – se agitam na brisa, fazendo um barulho irregular e irritante. O interior da janela está coberto por uma fina camada de gelo que se condensa e escorre pelo vidro. A janela está completamente aberta. A tela de fibra de vidro foi removida e colocada no chão intencionalmente.

Eu me debruço na janela para ver se Esther está na saída de incêndio, mas lá fora – em nosso pequeno bloco residencial de Chicago – o mundo está silencioso e escuro. Os automóveis estacionados em fila estão cobertos

pela última leva de folhas caídas das árvores próximas. Gelo cobre os carros e o gramado amarelado, que murcha rapidamente e logo estará morto. Colunas de fumaça escapam das chaminés das casas vizinhas, flutuando pelo céu matinal. Toda a avenida Farragut está dormindo, exceto eu.

A saída de incêndio está vazia, Esther não está lá.

Eu me afasto da janela e vejo as cobertas dela caídas no chão, um edredom laranja brilhante e um cobertor turquesa.

— Esther? — pergunto enquanto atravesso o quarto estreito, que mal acomoda a cama de casal dela. Tropeço em uma pilha de roupas jogadas no chão e meus pés ficam presos em um jeans. — Tá na hora de acordar — digo, enquanto dou um tapa no despertador para que cale a boca. Em vez disso, ligo o rádio e uma cacofonia de ruídos invade o quarto, as notícias da manhã duelando com a sirene do alarme. — Merda — praguejo, e depois, perdendo a paciência: — Esther!

Então, com os olhos ajustados à escuridão, percebo: Santa Esther não está em sua cama.

Finalmente consigo desligar o despertador e acender a luz, fazendo uma careta quando a claridade faz minha cabeça doer, efeito secundário de uma noite de farra. Checo de novo para ter certeza se, de alguma maneira, não consegui perder Esther, verificando embaixo do monte de cobertas no chão. Eu percebo que isso é ridículo enquanto procuro, mas continuo mesmo assim. Checo o armário, checo o banheiro e meus olhos examinam a abundante coleção de cosméticos caros que compartilhamos, espalhados aleatoriamente na bancada.

Mas Esther não está em lugar algum.

Decisões inteligentes não são mesmo o meu forte. São o forte de Esther. E, talvez por esse motivo, eu não ligue imediatamente para a polícia. Porque Esther não está aqui para me dizer para fazer isso. Com toda a honestidade, meu primeiro pensamento não é o de que *aconteceu* alguma coisa com Esther. Também não é meu segundo, terceiro ou quarto pensamento. Então, permito que a ressaca leve a melhor, fecho a janela e volto para a cama.

Quando acordo pela segunda vez, passa das dez da manhã. O sol está alto e, ao longo da avenida Farragut, pessoas correm indo e vindo de

cafeterias e padarias em busca do café da manhã, ou do almoço, ou de seja lá o que for que as pessoas comam e bebam às dez da manhã. Todo mundo está coberto por jaquetas forradas e casacos de lã, com as mãos enfiadas nos bolsos, gorros e chapéus na cabeça. Não precisa ser um gênio para saber que está frio.

No entanto, eu me sento no pequeno sofá cor-de-rosa na sala de estar, esperando que Santa Esther chegue com um café aromatizado de avelã e um *bagel*. Porque é o que ela faz todos os domingos depois de cantar no coro da igreja. Ela vem para casa com um café e um *bagel* para mim, nos acomodamos à mesinha da cozinha e comemos falando sobre tudo, das crianças que choraram durante a missa até a partitura perdida do regente do coro, e sobre qualquer coisa maluca que eu tenha feito na noite anterior: beber demais, trazer para casa um cara que mal conheço, um homem sem rosto que Esther nunca vê, apenas escuta através das paredes finas como papel do nosso apartamento.

Ontem à noite eu saí, mas Esther não foi comigo. Tinha planos de ficar em casa e descansar. Estava cuidando de um resfriado, disse ela, mas agora que penso nisso, não notei sintomas visíveis de doença, sem tosse, nem espirros, nem olhos lacrimejantes. Ela estava no sofá, enfiada debaixo do cobertor, usando seu confortável pijama de algodão. *Venha comigo*, implorei. Havia um bar novo na Balmoral que estávamos morrendo de vontade de conhecer, um daqueles bares tipo *lounge*, chiques e pouco iluminados, que só servem martinis.

*Venha comigo*, implorei, mas ela disse não.

*Eu seria uma estraga-prazeres, Quinn*, disse ela. *Vá sem mim. Você vai se divertir mais.*

*Quer que eu fique em casa com você?*, pergunto, mas não foi uma pergunta sincera. *Vamos pedir comida*, digo, mas não quero pedir comida. Eu estava usando um vestido baby-doll novo e salto alto, tinha arrumado o cabelo, estava bem maquiada. Tinha até depilado as pernas para sair; sem chance de eu ficar em casa. Mas pelo menos me ofereci.

Esther disse que não, que eu deveria sair sem ela e me divertir.

E foi exatamente o que fiz. Saí sem ela e me diverti. Mas não fui ao bar que serve martinis. Não, guardei aquele lugar para ir com Esther. Em

vez disso, acabei em um caraoquê bem ordinário, bebendo demais e indo para casa com um estranho.

Quando cheguei, Esther estava na cama e a porta de seu quarto estava fechada. Ou foi isso que pensei naquela hora.

Agora não posso fazer nada a não ser me perguntar, enquanto fico aqui, sentada no sofá, considerando tudo o que aconteceu essa manhã: o que neste mundo faria Esther fugir pela janela da saída de incêndio?

Eu penso e penso, mas meus pensamentos acabam sempre voltando para uma lembrança: uma imagem de *Romeu e Julieta*, a famosa cena em que Julieta declara seu amor por Romeu do balcão de sua casa (que é mais ou menos a única coisa de que eu me lembro do ensino médio, isso e o fato de que o corpo de uma caneta é a melhor arma para soprar projéteis de papel nos colegas).

Foi isso que fez Esther sair pela janela no meio da noite: *um cara*?

Claro que, no fim da peça, Romeu toma veneno e Julieta se apunhala com uma adaga. Li o livro. Melhor ainda, vi o filme, a adaptação dos anos 1990 com Claire Danes e Leonardo DiCaprio. Sei como termina, com Romeu tomando veneno e Julieta disparando a arma dele contra a própria cabeça. Penso comigo mesma: só espero que a história de Esther tenha um fim melhor do que a de Romeu e Julieta.

Por ora não há nada a fazer senão esperar, e então me sento no pequeno sofá cor-de-rosa, olhando para a mesa de cozinha vazia, esperando que Esther chegue em casa, tenha ela passado a noite em sua cama ou escapulado pela janela de seu quarto no segundo andar. Não importa. Ainda usando minhas roupas de dormir – camiseta de malha de mangas compridas e shorts de flanela, um par de meias de lã com sola enfeitando meus pés – eu espero que meu café e meu *bagel* cheguem. Mas hoje eles não aparecem e culpo Esther por isso, pelo fato de que vou ficar sem café da manhã e sem cafeína.

Por volta do meio-dia, faço o que qualquer adulto que se dê ao respeito pode fazer: peço comida no Jimmy John's. São necessários uns bons quarenta e cinco minutos, durante os quais chego à conclusão de que meu estômago começou a se autodigerir para meu sanduíche Turkey Tom



chegar. Passaram-se implacáveis catorze horas desde que comi alguma coisa, e, com o excesso de álcool, tenho certeza de que meu estômago está se distendendo como acontece com aquelas crianças famintas que você vê na televisão.

Não tenho energia. A morte é iminente. Vou morrer.

E então a campainha toca no primeiro andar; eu me levanto no mesmo instante. Entrega! Saúdo o cara do Jimmy John's na porta e lhe entrego a gorjeta, alguns dólares miseráveis que consigo encontrar em um envelope que Esther colocou dentro de uma das gavetas da cozinha, na qual se lê: *Aluguel*.

Devoro meu almoço debruçada sobre a mesa de centro, feita de ferro batido, e depois faço o que qualquer ser humano que se dê ao respeito faz quando sua colega de apartamento some sem dar satisfação. Dou uma bisbilhotada. Eu me enfio no quarto de Esther sem um pingo de remorso, sem um sopro de culpa.

O quarto de Esther é o menor dos dois quartos da casa, quase do mesmo tamanho de uma caixa grande de geladeira. Sua cama de casal ocupa todo o espaço, de uma parede com textura de pipoca à outra, e quase não há lugar para andar. É isso que mil e cem dólares por mês compram em Chicago: paredes com textura de pipoca e uma caixa de geladeira.

Desvio dos pés da cama, tropeçando na pilha de cobertas que ainda está sobre o piso de madeira riscado, e espio a saída de incêndio, uma estrutura de degraus e plataformas em grades de aço junto à janela de Esther. Fazíamos piada sobre isso quando me mudei anos atrás, sobre como ela, apesar de ter ficado com o menor quarto, seria a única a sobreviver em um incêndio se o edifício fosse um dia tomado pelas chamas, graças à saída de emergência do lado de fora de sua janela. Para mim estava tudo bem. Ainda está, para falar a verdade, porque não apenas tenho espaço para uma escrivaninha e uma cômoda, como tenho uma cadeira estilosa de vime. E o prédio nunca pegou fogo.

Mais uma vez, eu me pergunto: o que diabos faria Esther fugir pela saída de incêndio no meio da noite? O que há de errado com a porta da frente? Não é como se eu estivesse preocupada, porque, na verdade, não estou. Esther já usou aquela saída de incêndio. Costumávamos nos sentar

lá o tempo todo para olhar a Lua e as estrelas, bebendo coquetéis como se estivéssemos em uma varanda, nossos pés pendurados sobre um beco repugnante de Chicago. Era uma espécie de *coisa nossa*, nos espalhar naquelas desconfortáveis plataformas de aço da saída de incêndio suja, compartilhando segredos e sonhos, sentindo as grades de metal espetarem nossa pele até nossas costas ficarem adormecidas.

Mas mesmo que tivesse ido até lá na noite passada, Esther certamente não está na saída de incêndio agora.

Onde ela poderia estar?

Espio dentro de seu armário. Suas botas favoritas desapareceram, como se ela as tivesse calçado, aberto a janela e ido lá para fora de propósito.

Sim, eu digo. Foi exatamente isso o que ela fez, uma suposição que me garante que Esther está bem. *Ela está bem*, digo a mim mesma.

Mas ainda assim. Por quê?

Pela janela, observo a tarde tranquila. O vaivém do café da manhã deu lugar a uma depressão pós-café; não há uma alma à vista. Imagino metade da Chicagolândia prostrada diante da TV, observando os Bears sofrerem outra derrota colossal.

E então eu me afasto da saída de incêndio e começo minha busca pelo quarto de Esther.

O que encontro é um peixinho faminto. Uma pilha de roupa suja acumulada sendo cuspidada de uma cesta de plástico dentro do armário. Jeans *skinny*. *Leggings*. *Jeggings*. Sutiãs e calcinhas enormes. Uma pilha de camisolas brancas, dobradas e colocadas com cuidado ao lado do cesto. Um vidro de ibuprofeno. Uma garrafa de água. Os livros da faculdade formando uma pilha alta ao lado de sua escrivaninha IKEA, além do volume que já estava sobre o móvel mantendo as folhas avulsas no lugar. Minha mão alcança o puxador de uma gaveta, mas não olho lá dentro. Isso seria grosseiro; de alguma forma, mais grosseiro do que xeretar nas coisas que estão sobre a escrivaninha: o notebook dela, o iPod dela, os fones de ouvido dela e outras coisas.

Fixada à parede, encontro uma fotografia minha e de Esther tirada no ano passado. Era Natal e nos sentamos diante do nosso pinheiro artificial

para uma *selfie*. Sorrio ao me lembrar de que percorremos juntas montes de neve para buscar essa árvore. Na imagem, Esther e eu estamos sentadas bem juntas, os galhos da árvore pinicando nossas cabeças e suas agulhas se enroscando em nossas roupas. Estamos rindo; eu exibo um sorriso complacente e Esther seu sorriso convidativo. A árvore é a árvore de Esther, que ela mantém em um depósito aqui na nossa rua, um espaço de três metros por um metro e meio onde, por sessenta dólares por mês, ela guarda velhos violões, um alaúde e tudo o mais que não consegue guardar em seu quarto minúsculo. A bicicleta dela. E, claro, a árvore. Fomos ao depósito em dezembro passado, com a missão de encontrar a árvore de Natal. Enfrentamos montes de neve recente acumulada nas ruas com nossos pés afundando a cada passo, como se caminhássemos sobre areia movediça. Ainda estava nevando, o tipo de neve que cai do céu em flocos como bolas de algodão grandes, gordas e macias. Os carros estacionados estavam soterrados e os donos precisariam cavar para alcançá-los, ou esperar que a temperatura subisse acima de zero grau. Metade da cidade estava trancada em casa graças à tempestade de neve, as ruas estranhamente calmas, enquanto Esther e eu seguíamos em frente, cantando canções de Natal com toda a força de nossos pulmões, já que ninguém podia nos ouvir. Só os limpa-neves ousavam enfrentar as ruas da cidade naquele dia, e mesmo eles precisavam abrir seu caminho em zigue-zague. As empresas tinham dispensado seus funcionários, a de Esther, a minha.

E então fomos para o depósito, procurar a arvorezinha de plástico a fim de levá-la para casa para a temporada de festas. Paramos no corredor cimentado do depósito com o intuito de fazer uma dança alucinada para a câmara de segurança e ficamos meio histéricas no processo. Imaginamos o funcionário do depósito – um esquisitão introvertido – sentado na recepção, observando enquanto dançávamos uma dança irlandesa na tela. Rimos e rimos e, então, quando por fim paramos de rir, Esther usou sua chave para abrir o cadeado e nos deixar entrar em seu depósito. Quando começamos a vasculhar a unidade 203, eu me dei conta de repente da ironia desse número, já que meus pais viviam no número 203 da David Drive. *O destino*, disse Esther, porém eu disse que era mais uma coincidência estúpida.

Já que a árvore estava desmontada e guardada em uma caixa, foi bem difícil encontrá-la. Havia muitas caixas naquele depósito. Muitas caixas. E eu, sem querer, encontrei a errada, pelo jeito, porque quando ergui a tampa achei fotografias de uma família feliz sentada ao lado de uma casa em péssimo estado. Apanhando uma das fotografias, perguntei para Esther: *Quem são esses?* Ela tirou a foto da minha mão e disse, sem expressão: *Ninguém*. Não tive a chance de examiná-la, mas, ainda assim, não pareciam ser ninguém para mim. Não insisti. Esther não gostava de falar sobre sua família. Disso eu sabia. Eu reclamava e tagarelava sobre a minha o tempo todo, mas Esther ficava em silêncio sobre a dela.

Ela jogou a foto de volta na caixa e fechou a tampa.

Encontramos a árvore e a carregamos para casa, mas não sem antes irmos até nossa lanchonete favorita, onde nos sentamos quase sozinhas no lugar vazio, comendo panquecas e tomando café no meio do dia. Observamos a neve caindo. Rimos das pessoas que tentavam se arrastar através dela, ou escavar seus carros presos sob pirâmides de neve. Aqueles que tinham a sorte de conseguir movê-los deixavam demarcadas suas vagas de estacionamento. Eles usavam coisas aleatórias, como um balde ou uma cadeira para impedir que alguém estacionasse ali enquanto estavam fora. Vagas de estacionamento valiam ouro naquela região, especialmente no inverno. Naquele dia, Esther e eu nos sentamos junto à janela da lanchonete e também assistimos a isso – nossos vizinhos colocarem cadeiras trazidas de casa para reclamar seu direito de voltar a estacionar em vagas das quais tinham acabado de limpar a neve que, em breve, voltaria a se acumular –, agradecendo aos céus pelo transporte público.

Então, Esther e eu levamos a árvore para casa, onde passamos a noite decorando-a com luzes e muitos enfeites. Quando terminamos, Esther sentou-se de pernas cruzadas no sofá cor-de-rosa e dedilhou seu violão enquanto eu cantarolava “Noite Feliz”<sup>1</sup> e “Jingle Bells”<sup>2</sup>. Isso aconteceu ano passado, quando ela me comprou um par de meias de lã com sola

---

1 “Noite Feliz” (“Stille Nacht, heilige Nacht”), Joseph Mohr, Franz Xaver Gruber: 1816/1818, várias gravações.

2 “Jingle Bells”, James Lord Pierpont; composta em 1857, várias gravações.

para manter meus pés aquecidos porque em nosso apartamento eu sentia frio vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Eu mal conseguia me aquecer. Era um presente gentil, um presente atencioso, do tipo que provava que ela estava me ouvindo enquanto eu reclamava de novo e de novo dos meus pés gelados. Olho para os meus pés e lá estão elas: as meias de lã com sola.

Mas onde está Esther?

Continuo minha busca, por alguma coisa que não sei o que é, mas encontro canetas jogadas por toda parte e lapiseiras. Um bicho de pelúcia de sua infância, desgastado e puído, escondido na prateleira de um armário bambo cujas portas já não correm no trilho. Caixas de sapato estão enfileiradas no chão do armário. Espio lá dentro, achando todos os pares de sapato práticos e sem graça: sapatilhas, mocassins, tênis.

Absolutamente nada com salto alto.

Absolutamente nenhuma cor que não seja preto, branco ou marrom.

E uma carta.

Uma carta escondida na escrivaninha IKEA, na pilha de papel abaixo do livro de terapia ocupacional, entre uma conta de celular e um trabalho de pesquisa.

Uma carta não enviada e dobrada três vezes, como se ela estivesse prestes a enfiá-la em um envelope e colocá-la no correio, mas por algum motivo tivesse feito outra coisa.

Tampo a garrafa de água, apanho as canetas. Como foi que nunca percebi que Esther era tão desleixada? Penso um pouco sobre isso: o que mais não sei sobre minha colega de apartamento?

E então leio a carta porque, claro, como eu poderia *não* ler a carta? É uma carta cheia de todo tipo de coisas que um perseguidor diria. Foi digitada – o que é uma coisa que a toda certinha Santa Esther poderia muito bem fazer – e está subscrita: *Todo meu amor*, seguido por um *E* e um *V*. *Todo meu amor, EV*. Esther Vaughan.

E é quando me dou conta: talvez Santa Esther não seja tão santa assim, afinal.